



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO LICENCIATURA EM TEATRO

ANDRÉ LUIZ REIS DOS SANTOS

VAI TRABALHAR PALHAÇO: a trajetória de um palhaço – artista – professor

BELÉM/PARÁ

2022

ANDRÉ LUIZ REIS DOS SANTOS

VAI TRABALHAR PALHAÇO: a trajetória de um palhaço – artista – professor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito para
a obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientador (a): Prof^a. Dra. Ivone Maria Xavier de
Amorim Almeida

BELÉM/PARÁ

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S237v Santos, André Luiz Reis dos
Vai trabalhar palhaço: a trajetória de um palhaço – artista – professor / André Luiz Reis dos Santos.

Orientadora: Profª Drª Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida..

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2022.

1. Palhaço. 2. Artistas Circences. 3. Professores de arte -- Formação I. Título.

CDD - 23. ed. 791.33

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 186 / 2022 - ETDUFFA (11.31.06)**

Nº do Protocolo: 23073.045485/2022-26

Belém-PA, 16 de agosto de 2022.

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e oito dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e dois, às dezessete horas, reuniu-se em sala virtual através da ferramenta *Google Meet*, conforme previsto na portaria nº 1321/2020, a Banca Examinadora composta pelas professoras: Profa. Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Orientadora e Presidente), Profa. Me. Cláudia do Socorro Gomes da Silva (Examinadora) e Profa. Me. Marluce Souza de Oliveira (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno ANDRÉ LUIZ REIS DOS SANTOS, intitulado: "Vai Trabalhar Palhaço: A TRAJETÓRIA DE UM PALHAÇO/ARTISTA/PROFESSOR". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito Excelente, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 28 de junho de 2022

Profa. Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Orientadora e Presidente da Banca

Profa. Me. Cláudia do Socorro Gomes da Silva
Examinadora

Profa. Me. Marluce Souza de Oliveira
Examinadora

(Assinado digitalmente em 26/08/2022 17:38)
CLAUDIA DO SOCORRO GOMES DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICA (11.31)
Matrícula: ###782#1

(Assinado digitalmente em 16/08/2022 19:42)
IVONE MARIA XAVIER DE AMORIM ALMEIDA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICA (11.31)
Matrícula: ###245#8

(Assinado digitalmente em 17/08/2022 18:06)
MARLUCE SOUZA DE OLIVEIRA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
ICA (11.31)
Matrícula: ###286#2

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufpa.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 186, ano:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura _____

ANDRÉ LUIZ REIS DOS SANTOS

Local e Data: _____

À minha esposa, Jucirene do Socorro Amoedo Brito, por todo o incentivo e ajuda para que esta graduação se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Durante todo processo acadêmico, e até mesmo antes mesmo deste, preciso destacar algumas pessoas que foram primordiais no decorrer da minha formação:

Tio Padreco – Muitíssimo obrigado do meu Palhaço Tio Padreco e meu àqueles que participaram da formação do meu palhaço. Em especial, ao Grupo Gererê e seus membros: Tio Ivan – palhaço do Ivan; Paulo, Tio Biro Biro – palhaço do Junior; Tio Patcholin – palhaço do Mauro; Tio Pica Pau - palhaço do Carlos. E aos palhaços Tio Bolão e Melodia que tanto ajudaram na formação do Tio Padreco.

Ator André Reis – agradeço também a todos que participaram da formação do artista André Reis, seja os já citados acima, como aos diretores e atores que pude ter a chance de trabalhar, conhecer e até me tornar amigo: Sergio Cunha (Serginho), José Leal (Zecão) *in memoriam*, Paulo Fonseca (Paulão), Ruy Cabocão *in memoriam*, Willian Furtado e Maira Monteiro.

Minha orientadora Prof^a. Dra. Ivone Almeida - por todo apoio e orientação durante a elaboração do presente trabalho, etapa muito importante na minha vida.

Minha mãe – durante toda minha existência fui conhecedor do sonho da minha mãe de ver todos os seus filhos formados. Ela sempre foi uma grande incentivadora para minha formação. Obrigado mãe por acreditar nesse sonho!

Minha esposa Jucy – que sempre acreditou, incentivou, apoiou e até mesmo brigou para eu não desistir do meu sonho. Lembro que em um dia decidi largar tudo porque estava pesado demais trabalhar e estudar, mas você disse: “não faça isso porque estou aqui para lhe apoiar”. Muito obrigado meu amor por todo esse carinho!

Minha família – Meus irmãos, sobrinhos, netos e, em especial, ao meu filho André a quem tenho muito orgulho.

Minha amiga Neire – que foi sempre uma âncora nos momentos difíceis, e uma parceira em quase tudo o que fizemos no decorrer do curso. Obrigada minha amiga por toda sua ajuda e incentivo não permitindo que eu desistisse!

Meu grande amigo Rômulo – Quando se tratava de documento eu sempre recorria a ele. Sim, porque não conheço alguém tão capaz no que faz. Sempre pronto para ajudar e comigo não foi diferente. Obrigado Mano por tudo! Pelo apoio, pelas apostilas e livros que sempre imprimia para eu estudar. Obrigado, muito obrigado!

Meu grande amigo e amiga – João Godinho e Jane Godinho. Meu muito obrigado por tudo!

Meu amigo Ricardinho – quando a vergonha de sorrir tomava conta de mim você me devolveu a minha autoestima. Fui prestigiado com o seu talento na área de odontologia me fazendo sorrir novamente com espontaneidade.

Meu amigo Dr. Felipe Pacheco – parceiro, irmão que não me abandonou no momento mais cruel da minha vida. E a sua família: a sua esposa Ana e seus filhos lindos e maravilhosos.

Minha amiga Ligia – obrigado por não medir esforços para me incentivar a terminar meu TCC e por sempre acreditar que um dia eu defenderia.

Minha amiga Taia – o meu agradecimento especial a uma mente brilhante que conseguiu captar, entender e assim conseguiu me ajudar a dizer o que eu queria no meu TCC. Obrigado! Você é fantástica.

Aos amigos – Waldinei Velasco *in memoriam*, Katia Menezes e ao nosso grande Geraldo Sales, pessoas que contribuíram muito no meu fazer teatral.

Aos amigos – do Jeep, os nortistas, e entre estes destaco meu presidente, amigo, irmão e parceiro Leandro Torres com o qual tenho muita história para contar.

UFPA – aos professores que passaram por todo esse processo acadêmico e aos colegas da turma de 2016. Em especial, Marton Maués, Cezário e o Professor Paulo, Cláudia Gomes e Marluce. A ETDUFPA no qual me acolheu com carinho à disciplina e a **todos** – que contribuíram na formação do professor André, seja formal ou informalmente, meu muito obrigado!

Sorrir quando a dor te torturar, quando nada mais restar do teu sonho encantador...sorrir quando o sol não der mais luz e sentires uma cruz nos teus ombros cansados doridos, sorrir e vai mentindo a tua dor que ao notar que tu sorris todo mundo irá supor que és feliz.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como tema: “**VAI TRABALHAR PALHAÇO**: a trajetória de um palhaço – artista – professor”, no qual são trazidas memórias, marcas do acaso, encantamentos, desilusões e descobertas que constroem a trajetória de um palhaço – artista – professor. A partir da exposição sobre o riso, a importância deste para a formação do palhaço e o aperfeiçoamento desta arte com o conhecimento teórico/empírico, este trabalho tem por objetivo principal descrever a formação de um palhaço que se moldou por amor à arte e que hoje se aperfeiçoa para ensinar as técnicas do fazer rir. Deste modo, apresenta-se a história do Tio Padreco que tem por trás do nariz do palhaço o artista André Reis, que aqui se apresenta. Assim, a partir de um estudo de caso, exponho a maneira com a qual me desenvolvi pessoalmente com o intuito de exercer a minha verdadeira vocação – ser palhaço e artista. O método de pesquisa utilizado neste trabalho foi pesquisa bibliográfica com intuito de buscar referências sobre a origem do riso, principal objetivo do exercício de palhaço, arrancar uma alegria de quem o observa. A pesquisa bibliográfica também irá enriquecer a exposição do palhaço, porém a profundidade do tema será realizada através de um estudo de caso, no qual através da história vivenciada pelo palhaço Tio Padreco, há a representação e resignificação do simples ato de ser um palhaço, desfigurado de técnicas rebuscadas, que se liga estritamente pela síntese do amor à arte do fazer entre o ser artístico e a plateia.

Palavras-chave: palhaço; artista; professor; riso; plateia.

ABSTRACT

The present course conclusion work has as its theme: “GO WORK CLOWN: the trajectory of a clown/artist/teacher”, in which memories, marks of chance, enchantments, disappointments and discoveries that build the trajectory of a clown-artist-teacher. From the exhibition on laughter, its importance for the formation of the clown and the improvement of this art with theoretical/empirical knowledge, this work has as main objective to describe the formation of a clown who was shaped by love of art and who today is perfected to teach the techniques of making people laugh. In this way, the story of Tio Padreco is presented, who has the artist André Reis, who is presented here, behind the clown's nose. Thus, based on a case study, I expose the way in which I personally developed in order to exercise my true vocation – to be a clown and an artist. The research method used in this work was bibliographic research in order to seek references on the origin of laughter, the main objective of the clown exercise, to bring joy to those who observe it. The bibliographic research will also enrich the exhibition of the clown, but the depth of the theme will be carried out through a case study, in which through the history experienced by the clown Tio Padreco, there is the representation and resignification of the simple act of being a clown, disfigured of sophisticated techniques, which is strictly linked by the synthesis of love for the art of making between the artistic being and the audience.

Keywords: clown; artist; teacher; laugh; audience

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 Grupo Gererê | 30 |
| Figura 2 – Fotos na Festa de Animação | 31 |
| Figura 4 - Animação da Festa da Ana Clara | 32 |
| Figura 3 - Tio Padreco em Paragominas..... | 33 |
| Figura 5 - Encontro com o meu Clown | 42 |
| Figura 6 - Padreco e Keka | 42 |
| Figura 7 - Aplicando o conhecimento | 43 |
| Figura 8 - Enfim o verdadeiro Clown | 43 |
| Figura 9 - Ensaio fotográfico do espetáculo "Pensão da Cotinha" (Grupo Experiência) | 44 |
| Figura 10 - Camarim do Espetáculo "Feliz aniversário papai" com José Leal (Zecão) | 45 |
| Figura 11 A espera do público | 46 |
| Figura 12 - Vencendo a Covid..... | 50 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 | A HISTÓRIA DO RISO..... | 11 |
| 2.1 | Rir é proibido..... | 11 |
| 2.2 | Rir é possível..... | 13 |
| 2.3 | As diversas facetas do riso..... | 15 |
| 3 | OS PALHAÇOS..... | 21 |
| 3.1 | A história do palhaço pelo circo..... | 21 |
| 3.2 | As diversas facetas do palhaço?..... | 23 |
| 4 | MINHAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA..... | 25 |
| 4.1 | Minha infância..... | 25 |
| 4.2 | Sonho de um palhaço..... | 27 |
| 4.3 | Da arte à profissão de respeito..... | 36 |
| 4.4 | Estudando arte..... | 36 |
| 4.5 | A Licenciatura em Teatro..... | 37 |
| 5 | CONCLUSÃO..... | 40 |
| | REFERÊNCIAS..... | 41 |
| | APÊNDICE I | 42 |
| | | |
| | APÊNDICE II - UM CAPÍTULO ESPECIAL..... | 47 |

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a formação e vida profissional de um palhaço. Através da reflexão do profissional palhaço, que assim como qualquer outra profissão requer talento, dedicação e conhecimento. Visto que o fazer rir vai além de contar uma piada ou interpretar atitudes ou posturas cômicas, mas sim requer a sensibilidade para interagir, sentir e atuar conforme o momento que se vivência. Assim, ser palhaço buscar o riso de forma simples, porém que não se confunde com ser fácil. É um dom que pode ser desenvolvido requerendo técnicas específicas e muito amor à arte do fazer rir.

Neste sentido, contando a história do palhaço '*TIO PADRECO*', criado por mim em meados do ano de 86, apresento as dificuldades e alegrias dessa profissão. O cenário desta formação, inicialmente, estava distante da seara acadêmica, era apenas uma relação que unia o gostar de fazer a necessidade financeira. Essa mistura de variáveis tão comuns e que acompanha a vida profissional de diversos artista, fortaleceu a relação entre o ator André Reis e sua versão tão carismática, o Tio Padreco.

Assim, foi nas festas infantis e no circo de animações que o Tio Padreco se firmou. Porém, a descoberta do palhaço foi na década de 70, no qual o circo despertou em mim o fascínio por esta linguagem que se compõe a partir da soma do figurino, da pintura corporal, dos gestos, da fala e o indispensável nariz. Este que para o palhaço pode ser vista como uma máscara que distingue a pessoa do artista, mas também é uma espécie de portal que conecta o mundo da fantasia ao real.

E foi essa passagem de telespectador, de quem ri, para tornar o palhaço, aquele que faz ri, que me fizeram mergulhar no conhecimento desta linguagem. Ao aprofundar meus estudos teóricos e práticos, encontrei um universo totalmente distinto da visão que sempre possuí desta arte, vinculada à imagem do palhaço tradicional de circo. Ao longo do tempo, percebi que o palhaço é o personagem que se encontra nos lugares onde é necessário rever a relação do homem com o mundo, ou seja, no qual transformação de vidas é essencial. O palhaço expõe tanto os avessos de si quanto das relações que configuram nossas vidas no cotidiano, se expõe e ri de seu próprio ridículo.

Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo demonstrar a formação do palhaço. Para isso, através de pesquisas bibliográficas, ou seja, pesquisa elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet (Silva, Menezes, 2005), demonstra-se a principal busca do palhaço: o riso. Este é apresentado através do prisma histórico social trafegando na Antiguidade, Idade Média, Renascença até chegar à atualidade, destacando-o como instrumento de questionamento de valores. Do mesmo modo, apresenta-se as origens, conceitos e técnicas do palhaço, que na sua simplicidade reflete toda a complexidade social do qual se alimenta para compor sua arte. Arte sempre dual que inspira temor e admiração. Por fim, a pesquisa se completa e encerra com um estudo de caso, este que envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento (Silva, Menezes, 2005), no qual através da história de criação do palhaço Tio Padreco, sintetizo em um único agente a teoria que lhe precede.

Deste modo, esta pesquisa se organiza, além desta introdução de três capítulos e mais a conclusão. O primeiro aborda o riso, o segundo apresenta o palhaço e o último a formação do Tio Padreco.

2 A HISTÓRIA DO RISO

O riso, ação tão comum e presente no nosso dia a dia, também é uma forma de contar a história do mundo. Isto porque o riso é uma forma de comunicação que através de sua forma, entonação, ruídos representa um momento social, pois, conforme Marcel (1974), para entendermos uma sociedade devemos observar a maneira com que seus membros se utilizam de seus corpos. O riso explicita comportamentos inseridos no interior de uma coletividade, produzindo um sentimento de identidade com uma determinada visão de mundo. Compreender o que um determinado coletivo entende por risível, é uma forma de decifrar os códigos sociais que o governa, e a maneira com que ele se comporta e encara o mundo ao seu redor.

2.1 RIR É PROIBIDO

O riso, na Antiguidade, simulava um retorno ao caos original, em que a desordem se mostrava fundamental para a recriação ordenada do mundo e para o reforço da regra. O riso, assim, apresenta-se como um meio de exorcizar a bestialidade original, uma experimentação ritualizada da desordem. Esta visão se contrapõe ao lado público do riso, que seguindo as regras morais e políticas deveria ser contido e conservador. De tom negativo, deveria ser utilizado com cautela.

Na Idade Média com a imponente religiosa, o riso, mas uma vez, era um ato oposto a moral estabelecida na época. Tanto que o riso pode ser considerado uma marca que diferencia os ambientes, ou seja, se afasta dos templos sagrados e se aproxima da cultura cômica e das festas populares. Nesse sentido, o riso na era medieval é parodístico. O homem medieval imita a realidade deformando-a, como: Festa dos Loucos, Carnaval, Bobos da Corte. Assim, o riso é servido através de brincadeiras, zombarias, jogos em que se reforçam valores e hierarquias invertidas ritualmente.

O riso na festa popular escarnece não só as convenções, mas também os próprios burladores, que se renovam e renascem. O riso opunha-se ao oficial, ao tom sério, ao religioso. Manifestações como as festas carnavalescas, cultos cômicos, bufões, tolos, anões apresentam diferença notável em relação às formas de culto e cerimônias oficiais, oferecendo uma visão distinta de mundo. Por sua vez, a festa oficial tendia a consagrar a estabilidade e a imutabilidade das regras sociais. Destacavam-se as distinções hierárquicas, em que cada personagem ocupava um lugar correspondente ao seu nível, consagrando a desigualdade.

Nas festas carnavalescas, o povo representa a própria vida, parodiando-a; uma vida melhor, livre, transfigurada. O riso, nessa ocasião, tem um valor subversivo tolerado pelas autoridades. Nas festas, as condições sociais oficiais são zombadas e reviradas, os ritos mais sagrados são parodiados, surgem às fábulas e as farsas. Assim, essa visão cômica do mundo necessita também de um novo linguajar, no qual as grosserias desempenham um papel fundamental.

A época carnavalesca é aquela em que uma sociedade inteira se mostra, se libera pela limitação e pelo divertimento, se abre aos ataques e às críticas por meio de transposições toleráveis, e se entrega parodicamente ao movimento a fim de com ele alimentar sua ordem. Tudo se diz no disfarce, tudo se válida pela união estreita do sagrado e do bufão. A inversão é o processo que permite virar o tempo no avesso, metamorfosear a escassez em abundância, o acabamento em consumo, romper as censuras e as conveniências, em proveito da festa, dá lugar às contestações, dissolvendo-as na irrisão e na diversão coletiva (BALANDIER, 1982, p. 54).

A festa popular, de alguma forma, marca uma interrupção provisória de todo o sistema oficial, com suas interdições e barreiras hierárquicas. Por um breve momento o homem desvinculava-se das atividades cotidianas e habituais para penetrar no domínio da liberdade utópica. A festa possuía um linguajar próprio, caracterizado por uso de grosserias e palavras injuriosas. Importante frisar que tais blasfêmias apresentavam-se como grosserias ambivalentes: ao passo que degradavam, também regeneravam e renovavam.

2.2 RIR É POSSÍVEL

No Renascimento, o riso insere-se no âmbito da grande literatura, por influência de autores como Rabelais e Cervantes. Há uma perceptível mudança na concepção do riso, que passa a ser aceitável em diferentes contextos, servindo para exprimir diferentes concepções que revelam a verdade sobre o mundo e sobre o homem. O riso passa a possuir uma significação regeneradora, positiva e criadora, tornando-se expressão da consciência livre e crítica da época.

Ressalta-se que o riso recebe importância em um período repleto de crises, o fim da Idade Média para a Renascença. Na metade do século XIV inicia-se a mais longa guerra da história, a Guerra dos Cem Anos. O mundo conhece uma das mais terríveis epidemias, a peste negra, que dizimara quase um terço da população. Somado a isto, houve também recessão econômica, conflitos dinásticos e os alicerces religiosos abalado.

Todas essas características exemplificam as variáveis que tem impacto na formação da sociedade. E neste período o riso foi uma variável de mudança, mas também sofreu modificações, fruto desta nova formação social. O grande vetor deste papel do riso deve-se, principalmente, ao processo de enfraquecimento das fronteiras entre a cultura cômica popular e a literatura dita erudita. O riso mais lúdico dos séculos XII e XIII transforma-se num riso esbaforido, contestatório, amargo e condizente com a realidade da época. As diabruras, manifestações que ocorriam na Idade Média, multiplicam-se, tornando-se cada vez mais bufas e agressivas; passando a ser paródias sérias, em que o Diabo aparece como um alegre anfitrião. Satã, até o momento ridicularizado, adquire um sentido dúbio, sendo, por vezes, vítima de

injustiças cometidas por Deus. Ao mesmo tempo em que se ri do pobre diabo, o levam a sério.

Com o passar do tempo, a liberdade cultura destemida marca o século XV, colocando o riso, desta vez, na posição controversa: um riso de medo. De acordo com Minois (2003):

Tudo se torna mais amargo. O riso faz-se mais agressivo, a zombaria mais maldosa, a ironia mais cruel; os grandes medos suscitam risos nervosos e diabólicos. [...]. De chofre, as autoridades morais sancionam; proíbem as festas parodísticas em que estronda a subversão. O riso do fim da Idade Média é marcado pela volta do diabo. E, contudo, do grande medo do século XV vai sair o enorme estrondo de riso Rabelaisano da Renascença, cujos primeiros frêmitos se misturam aos espasmos dos terrores da baixa Idade Média (MINOIS, 2003, p. 240).

Entretanto, quando o mundo se torna absurdo e ameaçador, o que fazer senão rir? Rir de tudo e de todos, de Deus e do Diabo, da loucura e da morte. Este riso agressivo e violento também se faz presente nas festas. A sociedade fica exposta às piadas da multidão. O Carnaval, com toda sua licenciosidade, é a expressão mais apropriada de um mundo às avessas. Fantasiados, notáveis da cidade, declamavam versos satíricos contra autoridades civis e eclesiásticas. Tinham alvos certos, representavam abades, príncipes, bispos, todos com títulos cômicos, tal qual príncipe dos tolos, mãe louca. A ordem existe para ser perturbada; a hierarquia para ser invertida; o sagrado para ser profanado. Cada sociedade gera seus próprios meios e gêneros de subversão. A loucura ganha destaque. O louco é o bode expiatório perfeito, o burro de carga, alvo de sarcasmos e apelidos, de quem é permitido rir dos males, das angústias. Figura presente no Carnaval, desafia a multidão que zomba dele e o destrói. A loucura é a marca da miséria humana, e essa miséria é rechaçada pelo riso. Em meio à zombaria agressiva feita aos dirigentes pela ralé, adotam-se medidas repressivas a fim de assegurar a ordem e a segurança. As festas passam a ser controladas, organizadas, transformadas em espetáculos disciplinados, portadora de um riso lúdico.

Neste sentido, a Renascença marca a rejeição da cultura oficial da Idade Média pelo riso popular, introduzindo uma visão de mundo mais dinâmica, otimista e materialista. O riso tem um poder revolucionário, criador. A literatura atesta a nítida sensação que possuíam os contemporâneos da existência de uma grande fronteira

histórica, de uma mudança radical de época. Os homens davam adeus a “Idade das Trevas” e saudavam os novos dias. Como comenta Bakhtin (2008):

A atitude do Renascimento em relação ao riso pode ser caracterizada, da maneira geral e preliminar, da seguinte maneira: o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso; com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo (BAKHTIN, 2008, p. 57.).

Neste período também surgiu a caricatura, gênero no qual a observação das particularidades individuais e a possibilidade de se acentuar este ou aquele traço característico com finalidade cômica é característico deste estilo. Espécie de Carnaval sobre o palco propõe uma metáfora caricatural da existência, pelo avesso, com seus criados que mandam nos senhores.

Assim, a Renascença representa o período que marca o advento do humor. O riso explode em mil pedaços e seu tom burlesco, inquietante, humorístico faz ecoar uma grande sinfonia de gargalhadas insuportáveis aos ouvidos de reformadores religiosos. Não podemos falar do riso, seja trágico ou cômico, sem mencionar Shakespeare. Em suas comédias encontramos o riso jovial, recreativo, mas sua verdadeira face encontra-se nas tragédias, nos dramas. A vida é uma sucessão de atos sem sentido; o homem é grotesco, sua condição humana é grotesca. A loucura e o riso são elementos marcantes da obra de Shakespeare, tendo por influência nítida a obra “Elogio da Loucura” de Erasmo de Rotterdam e as imagens burlescas da Idade Média.

2.3 AS DIVERSAS FACETAS DO RISO

O século XIX é alcançado e este traz consigo a democracia. O poder do povo faz com que o jogo político seja aperfeiçoado, tornando-se cada vez mais profissional. O início da democracia, as discussões parlamentares, a liberdade de imprensa cria as condições ideais para que a ironia venha a ser convidada a participar. É na sátira política que o riso vai se deleitar. Nesse novo cenário, o riso é sinônimo de nobreza, requinte, boas maneiras. Entretanto, o riso medieval como ferramenta de protesto

permanece forte, sendo seu uso evidente: na zombaria velada utilizada nos debates revolucionários; no uso extensivo da caricatura.

A caricatura, neste momento até os dias atuais, é um dos meios importantes da formação do riso, exprimindo a dualidade da ação. É o sério sendo tratado com leveza ou é a alegria tratada como seriedade. No fim, é o convite a reflexão de temas complexos apresentada de forma simplória, apesar da complexidade de sua execução. Assim, a caricatura utiliza elementos populares para alcançar o grande público e serve de maravilhosa escrita aos iletrados, colocando em cena, tipos coletivos. Pelo desenho, atribuísem de maneira muito concreta, valores degenerescentes aos personagens, retratando o ridículo.

Já o século XX o riso coloca-se em posição única, não há barreiras, agora é possível ao homem rir de tudo. Como comenta Balandier (1982), o riso, ao passo que ridiculariza os adversários, pode contribuir para a tolerância dos abusos, vez que traz leveza aos fatos, reduzindo as tensões. Mesmo em um momento marcado por guerras mundiais, genocídios, crises econômicas, fome, desemprego, ameaças atômicas, o riso ainda manteve seu espaço. Um espaço agora globalizado, midiaticizado, padronizado e comercializado. Nas propagandas, tudo é pretexto para brincadeiras. No teatro, multiplicam-se os espetáculos cômicos.

Em 1998, Roberto Benigni aborda pelo riso o tema do holocausto em *A vida é bela*. Depois da guerra o Teatro Expressionista salienta o niilismo. O mundo torna-se demasiado grotesco e desumano que o trágico se mostra ultrapassado. Em 1971 Martin Esslin consagra o Teatro do Absurdo. Diversos dramaturgos compartilham essa temática. Diante das peças de Beckett rimos sem saber o porquê, uma vez que o riso é a única reação diante de tamanho desastre de sentido. O burlesco interroga o século XX, mesmo pessimista e com aparência de blasfêmia.

Esses novos aspectos do riso avançam em todas as fronteiras de expressão artísticas. O teatro contemporâneo não tem mais comédia nem tragédia: ele representa “peças”, que são pedaços de vida tragicômicos grotesco-burlesco. É o fim da grande segregação entre o nobre trágico e o vulgar cômico que perdura desde os gregos. E sendo o teatro a imagem da vida, essa transformação reflete a grande evolução do século XX, que viu o riso invadir, aos poucos, todos os domínios e misturar-se intimamente com toda existência, sob a forma de uma derrisão latente e generalizada.

O século XX também foi o século do cinema. Podemos afirmar que a derrisão proporcionada por esta arte é um dos motivos que levam as pessoas a saírem do conforto de seu lar para apartar-se em salas escuras. Diante de histórias inventadas, o homem comove-se pelo que, na vida real, o deixaria indiferente. Isso porque o cinema lhe oferece a necessária separação em relação ao mundo, o distanciamento ideal que lhe permite um medo agradável, lágrimas indolores e um riso sem controle, uma vez que todos esses sentimentos estão dissociados da existência do expectador. No cinema o riso é mais puro, pois a ilusão é completa. O cinema contribuiu para percebermos que podemos rir da miséria, da fome, da ditadura, da idiotia. Não necessitamos mais da caricatura. O mundo é uma caricatura. Na era do nonsense, o absurdo tornou-se um dos motores do cômico atual e o riso mudou de natureza, agora utilitário. Lipovetsky (2005) afirma que apenas a sociedade pósmoderna pode ser classificada de humorística, uma vez que só ela se propôs a dissolver a oposição entre o sério e o não sério.

Neste ponto o riso alcança uma divisão tênue entre diversão e desespero, felicidade e angústia. E é esta reflexão sobre o riso que se desdobra em um novo papel do riso a de desempenhar função terapêutica. Este riso não é divertido, é um tratamento de choque para os espíritos fim-de-século, neurastênicos e desiludidos. É um riso nervoso, que deveria provocar uma reação salutar, a menos que deixe a pessoa completamente abatida.

O humor que se instala esvazia o negativo; não mais crítica ou escarnece a sociedade, nem repousa num fundo de amargura ou tristeza. O humor contemporâneo não tem por ambição ser profundo. O riso, com todos os seus excessos e exuberâncias está desvalorizado. De uma atitude declaradamente distanciada dos acontecimentos, a adversidade é atenuada com seu humor irreverente e audacioso, que nos seduz com sua simpatia. Estamos mais preocupados com a animação propiciada pela personalização da fantasia do que com a emancipação séria. À medida que as grosserias se generalizam elas perdem sua característica transgressiva, pois se banalizam. O cômico se espiritualiza. O outro deixa de ser alvo de zombarias e sarcasmos privilegiados, ao passo que o eu se torna o alvo de escárnio e auto depreciação.

O personagem cômico não ressalta mais o burlesco [...], a sua graça não procede mais da inadaptação nem da subversão das lógicas, mas, sim, da

própria reflexividade, da hiper consciência narcísica, libidinal e corporal. A personagem burlesca é inconsciente da imagem que oferece ao outro, causa riso apesar de si mesma, sem se observar, sem se ver agir; são as situações absurdas que ela cria e as gags que desencadeia de acordo com uma mecânica irremediável que são cômicas (LIPOVETSY, 2005, p. 119).

Com o humor narcísico, por sua vez, o homem faz rir analisando a si mesmo, dissecando seu próprio ridículo. É a consciência de si mesmo que se tornou objeto de riso e não mais as excentricidades alheias. Produto de consumo de valor inestimável, depois de registrado e etiquetado, é vendido pelo mundo inteiro. Juntamente com ele, sua parceira inseparável: a festa; seja qual motivo for – aniversários, dia das mães, Ano Novo, festa do vinho, da grama e do presunto, não importa. O importante é rir. O riso é receita eleitoral, argumento publicitário, garantia de audiência, prescrição médica, indicador de sucesso. Como visto acima, o riso associava-se à oposição, à zombaria subversiva, estando à margem da vida oficial, que evoluía num quadro sério e solene, constantemente vigiada pelo poder.

Enquanto isso, nas democracias ocidentais modernas vemos o contrário. A derrisão em política é largamente usada e até recomendada. A democracia aprendeu que um poder que não aceita a zombaria é fadado ao desprezo, à ameaça. Mas aprendeu também que a derrisão pode desembocar num efeito diverso – a banalização das práticas que denuncia. O humorista político atual retoma o bobo da corte. Este nunca ameaçou a monarquia, muito pelo contrário. Na sociedade humorística a vez é do espetáculo. O político deve desempenhar uma comédia, pois de tragédia já basta a vida. Assim, a festa torna-se obrigatória, tendo no riso seu parceiro necessário. A festa arcaica retorna as origens, recriando o mundo de outrora, idealizado.

A sociedade moderna, por sua vez, procura na festa um êxtase que a arranque de sua vida cotidiana, retirando o aspecto ritual que existia na festa medieval não temos mais a figura específica do bufão, no sentido de ser aquele que concentrava em si o excesso de perigo para o poder. Todos somos bufões; todos se entregam a improvisações, só que individuais. Tenta-se fazer da vida uma própria festa, o que é um contrassenso, vez que a festa tem por objetivo opor-se ao cotidiano. Assim, o importante é o festejo, não o que lhe deu causa. Portanto, nada de cara feia, deprimida, ar tristonho. A festa exige uma participação unânime. A televisão faz sua parte, com programas que reúnem pessoas em volta de um tablado com a função de

aplaudir ao primeiro sinal de comando. Caso não seja possível a reunião de pessoas, grava-se os aplausos e as gargalhadas.

O que outrora fazia a eficácia do cômico era o contraste com o sério: a religião, o Estado, o sagrado, a moral. A modernidade substituiu a agressão física pela pressão moral. O eu tornou-se o último refúgio do sagrado. O outro não choca mais, a originalidade perdeu sua força. Nos resta o estranhamento de um mundo em que tudo é permitido. É proibido proibir, como diria Caetano Veloso. Estamos na era em que o privado se torna público; em que nossa intimidade é ostentada por nós mesmos na internet.

Deste modo, à medida que a vida nas cidades se modifica com a modernização marcada pela presença da tecnologia, das indústrias, da formação dos grandes centros urbanos, e sua retumbante poluição sonora, o riso escandaloso parece desaparecer. Depois da zombaria pesada, são gargalhadas espontâneas que entraram em processo de extinção. Devido ao rebaixamento dos valores sociais que ela provoca, não é de bom tom permitir-se, principalmente em locais públicos, a essa exaltação do corpo e da alma. Georges Minois (2003) interroga-se a respeito do fim do riso e assim conclui:

O homem controlou o riso, bem como dominou as lágrimas. Não é apenas questão de controlar o corpo; é também porque os temas do riso e da seriedade são subtraídos. O riso perece pela falta de seriedade. O que fazia rir era a suposta idiotia dos outros e de suas ideias, de seus comportamentos, a surpresa nascida dos choques culturais. Num mundo onde tudo é respeitável, o componente agressivo do riso foi eliminado; de repente o riso, desvitalizado, não mostra mais os dentes. Ele parece estar por toda parte, mas não é mais do que uma máscara. Nada é verdadeiramente sério nem verdadeiramente cômico. O riso voluntário, desolado e calculado, substitui, cada vez mais, o riso espontâneo e livre, porque é preciso representar bem a comédia. Se se organizam festas, é preciso divertir-se, mesmo que não se tenha vontade. Mas o verdadeiro riso refugia-se no interior de cada um; torna-se um fenômeno de consciência que só alguns privilegiados possuem e ao qual se dá o nome muito desonrado de "humor" (MINOIS, 2003, p.627).

Como visto, o riso permeia e sempre permeou a história das civilizações. Seu lugar se modificou, assim como também se modificaram a maneira com que ele é interpretado, analisado e percebido; mas ainda assim, nos dias atuais, rimos para afastar o medo, manifestar empatia, reforçar vínculos ou simplesmente destroçá-los. Dentro desta gama de utilidades, o riso, como bem sabemos, é um forte elemento de poder. Para enaltecer ou desmoralizar, verdade é que a modernidade descobriu nele

uma arma, com um incalculável poder de destruição. Pela descrição acima, concluímos que o lugar do riso na vida e na sociedade, ao longo da história, mudou, assim como seu discurso. A maneira como rimos se alterou, mas sempre rimos para zombar dos outros ou de nós mesmos, expurgar nossos medos, manifestar simpatia, reforçar vínculos. Passamos pelo riso divino e positivo da Antiguidade, pelo diabólico e negativo da Europa cristã; temos no século XVIII o riso que troçou da religião, do absolutismo e no século XIX, o riso que participou nas lutas sociais e políticas. Juntamente com o riso encontramos personagens que viram nele uma fonte de expressão. Assim, temos a figura do bufão, do bobo da corte e, modernamente, do palhaço. Como esclarece Bakhtin, o bobo e o bufão não eram atores que desempenhavam seu papel no palco. Ao contrário, continuavam sendo bufões e bobos em todas as circunstâncias da vida. Situavam-se na fronteira entre a vida e a arte.

3. OS PALHAÇOS

O palhaço pode ser considerado um arquétipo humano. Sua fonte de inspiração remonta à idade média e a presença dos bobos da corte, depois, já no renascimento, o bobo evolui e passa a compor a Comedia Dell'Art, por fim, já no final do século XVIII com o surgimento do circo, surge também a figura do palhaço que conhecemos atualmente.

No início, o palhaço era apenas uma figura que cobria espaço entre uma atração e outra no circo, depois passou a ter momentos próprios até ser tornar figura essencial do circo. Não há circo sem palhaço, entretanto, o palhaço existe sem o picadeiro. Ou de outra maneira, o palhaço leva consigo o circo.

Esta independência artística é fruto de uma característica que vem desde os bobos da corte que é o tráfego de influências, no qual o artista se insere no contexto que vivencia e a partir deste o transforma em seu cenário e molda o seu enredo. Assim, o palhaço é diferente de outras interpretações artísticas, pois ele não estuda para construir um personagem, ele simplesmente o é. A sua construção artística é fruto da soma do que se é com o encontro do que se tem, ou seja, e resultado da mistura temporal do conteúdo adquirido pelo palhaço com a influência da sua plateia. Deste modo, não é fácil se torna um palhaço, pois o palhaço é um estado, no qual você é ou não é, como veremos a seguir.

3.1 A HISTÓRIA DO PALHAÇO PELO CIRCO

A história do palhaço se confunde com a do circo, porém já há diversos estudos que a origem desses não se confunde, isto porque traços do que se conhece com palhaço remonta a um período muito anterior a criação do próprio circo. Entretanto, a figura do palhaço de cara pintada, nariz vermelho e trajes desproporcionais, este sim, se define junto com o circo moderno.

Há diversas teorias sobre as influências que deram origem ao circo moderno, como o circo romano e a comédia Dell'art, mas é pacificado que a pedra fundamental foi o circo de Philip Astley, que criou uma escola de equitação e acrobacias, no qual os alunos se apresentaram em um picadeiro formato circular que é mantido até hoje. De acordo com Sena e Oliveira (2021), o picadeiro oficial mede 13 metros devido

Astley concluir que a ponta da corda de 13 metros amarrada um mastro fixo e a outra ponta em um cavalo, formaria um ângulo circular perfeito ideal para permiti-lo permanecer montado em pé no lombo de um cavalo em movimento.

Com o passar do tempo, Astley adicionou os saltimbancos como atração. Assim, a formação do circo moderno surge a partir da união da arte equestre inglesa e agilidade dos saltimbancos. O problema dessas duas performances era a tensão provocada na plateia, a solução encontrada era quebrar este estado de tensão com algo cômico, aí surge a presença do palhaço. A função do cômico era entrar em cena após cada apresentação, satirizando e ironizando os números já apresentados; ou apresentar números autorais, tirando sarro da própria plateia (SENA, OLIVEIRA, 2021, p. 8). Estes formam a estrutura do circo que conhecemos hodiernamente, com um espaço único de apresentação.

No Brasil, o circo chega no final do século XVIII, porém no formato atual remonta ao século XIX com a chegada das famílias circenses, como a Chiarini (1834), Jeans François (1860), irmãos Landa (1887). O conhecimento da arte circense era transmitido oralmente, de geração para geração, permanecendo fechados no universo do circo. Ressalta-se que essas famílias eram formadas pela estrutura familiar consanguíneas, mas também pela gente da praça, que eram pessoas que se aproximavam e passavam a pertencer ao circo de forma permanente ou por temporada.

Entretanto, com as dificuldades impostas por questões socioeconômica, tais como o crescente processo de urbanização, a popularização da televisão e a burocracia imposta nos mecanismos de política, a partir de 1950, os circos brasileiros enfrentaram enormes dificuldades econômicas, como consequência muitos fecharam e os que continuaram trabalhavam em condições precárias.

Já no final da década de 1970, as técnicas circenses foram ultrapassando os limites do picadeiro, passando a ser ensinada em projetos sociais e escolas. Entre estes, o destaque é o desenvolvimento e aperfeiçoamento da arte da palhaçaria. No Brasil, no final do século XX, muitos artistas de teatro passaram a estudar e a praticar a arte do palhaço.

Deste modo, as chamadas técnicas clownescas de referência francesa, em especial Decroux e Lecoq ganharam destaque. Técnicas de tradicionalmente europeias eram distintas das técnicas até então utilizadas no cenário nacional, por

isso os artistas adeptos dessa dita nova vertente da palhaçaria começou a se autodenominar de clowns. Porém, essa diferenciação não foi bem recebida, visto que, pois, hierarquizada os tipos de palhaço, colocando em posição inferior os palhaços grotescos e falantes circenses em relação aos líricos e silenciosos palhaços do teatro, estudados e inspirados no padrão europeu. Controversa, essa diferença não foi bem aceita pela comunidade artística da palhaçaria, voltando todos a serem denominados de palhaço, como explica Libar (apud CASTRO, 2017) que em 1996, durante o encontro “Anjos do Picadeiro”, foi realizado um acordo de classe: dali por diante todos se chamariam apenas palhaços, independente das diferenças poéticas ou estéticas do trabalho de cada um. Assim, o palhaço, independente do estilo, plateia e local de apresentação é denominado de palhaço.

3.2 AS DIVERSAS FACETAS DO PALHAÇO

O palhaço, figura tão popular no imaginário, tem influência no bobo da corte, bufões trás as ideias da escola Dell’art, no Brasil a figura do Hotxuá, da cultura da tribo dos Krahô, do Tocantins, visto como sacerdote do riso. Essa é outras figuras contribuíram de alguma forma ou simplesmente eram palhaços do seu tempo, porém com outras denominações.

Em se tratando em denominações o palhaço também foi chamado de Clown, grotesco, bobo, Tony, Augusto. Destes os mais clássicos são os dois tipos de clowns: o branco e o Augusto. No qual o primeiro seria a representação do padrão inteligente, bem vestido, enquanto o segundo é o personagem desajeitado, mau vestido, que vivemos buscando se dar bem, gerando neste grotesco o cômico.

(...)o palhaço Branco tem como característica a boa educação, refletida na fineza dos gestos, e a elegância nos trajes e nos movimentos. É um burguês, que de entrada, procura surpreender com sua aparência de rico, poderoso e, maravilhoso e, possui graça, harmonia, inteligência, e lucidez, sendo o moralista, que tem ideais. (...) Então, em oposição ao palhaço Branco, tem-se o palhaço Augusto, e sua marca característica é o nariz vermelho. Tradicionalmente, ele não pinta todo o rosto, procurando destacar os olhos e a boca, levando-se em consideração que o nariz já está em destaque. O Augusto se apresenta de forma desajeitada, rude e indelicado, e outra característica deste tipo é a estupidéz. (SENA, OLIVEIRA, 2021, p. 15-16).

Augusto é um termo de origem alemã designava pessoas em situação ridícula. A mesma situação que todo palhaço se coloca para provocar o cômico. É uma posição que ao mesmo tempo que provoca riso também provoca aproximação, pois o palhaço se coloca em posição comum a plateia. Mas quem seria a plateia, depende do palco do palhaço. O palco para o palhaço não se limita, pode ser o picadeiro, o tablado, o hospital, a rua, ou a uma festa infantil. Cada um com sua particularidade, técnica e importância.

4 MINHAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

A palhaçaria é um mundo deslumbrante. As cores, o brilho a interação, tudo é em nível de intensidade artística e humana que ou é fascinante ou assustador, ou é simples ou complexo, ou ama ou não gosta. É um mundo de excentricidades, de exageros, que expõem os medos, zomba das falhas, ridiculariza a perfeição. Por isso vive durante tanto tempo, sendo uma arte milenar sempre muito atual. E foi nesse mundo de extremos que surge o Tio Padreco, que escolheu as festas infantis como seu palco principal, mas a este não se limitou. E por amor à arte consolida-se como um palhaço formado através da riqueza do fazer com a técnica do aprender. Se as apresentações formaram o Tio Padreco, a Universidade e todo o arcabouço teatral o lapidaram. E hoje, senhoras e senhores eis diante de todos o meu palhaço: Tio Padreco

4.1 MINHA INFÂNCIA

Como na música cantada por Chico da Silva, tenho saudades e guardo em minhas memórias muitos registros do meu tempo de criança.

Daquele tempo de menino ainda tenho no meu peito muitas saudades, roda pião, estilingue no pescoço papagaio pra soltar (JOÃO PAULO / MOISÉS, [1981]).

Vivi a minha infância no bairro de Canudos na Rua 2ª de Queluz, em Belém do Pará, junto com minha família: mamãe, papai, eu, o irmão mais velho, meus dois irmãos e minha irmã. Eu era o único que gostava de brincar na rua, inventar era um dom, criava asas nas brincadeiras ao ar livre. Bandeirinha, cemitério, peteca, pira cola, chorar, bater, apanhar, cair, levantar, fazia parte da infância de qualquer moleque daquela época. Nessa época, entre a década de 1970 a 80, não havia todos os recursos tecnológicos que temos atualmente, assim a diversão era a rua, sempre sob a supervisão da minha mãe. Porém, os perigos desta época também eram diferentes dos de hoje, um canal, chamado de vala da Mundurucus, era o que mais assustava os pais e fascinava a crianças. Afinal, algo não muda, o fascínio pelo que é proibido, por isso a aproximação do canal era desafiadora.

Simples? Talvez, mas como há beleza na simplicidade. O canal era um estímulo a imaginação, se na rua era um desafio a ser alcançado, da janela de casa era algo a ser contemplado. O canal mudava conforme a cheia da maré, secava e enchia, enchia e secava. Assim como a minha criatividade, era um ir e vim de ideias. Do que fazer, do que ser, ou só obedecer.

Meus pais sempre presentes mesmo ausentes de casa devido ao trabalho, minha mãe enfermeira, meu pai taxista, deixávamos sobre a supervisão de uma moça. Cuidados necessários para o bem-estar de uma criança, mas nunca um fator limitante para um pequeno sonhador. Assim, em uma bela tarde, como um fugitivo, seduzido pelo triângulo fui em busca de uma aventura, a conquistar petecas. Vale ressaltar, que a coragem de afrontar os pais era um risco bem remunerado, valendo o dobro de petecas.

Ah! A infância é seus deleites. Simples, mas um simples bem planejado. A fuga não era impulsiva, o risco era calculado. Continuavam sob supervisão, mas agora pelo amigo que ia dar o sinal do fim. O nome apelido do carrasco do bem era Casqueta, que acabava com a brincadeira em nome da salvação da vida. O papel do Casqueta era ficar de vigia para avisar no caso de pai ou mãe de um dos “ilegais” estivesse chegando para dar tempo de correr para casa e não apanhar pela desobediência.

Entretanto, nem sempre a aventura era só diversão, um dia o plano falhou, Casqueta executou bem o seu papel, porém eu que não fui ágil o bastante. Mamãe estava chegando! Rapidamente, peguei o máximo de petecas que meu bolso e minhas mãos puderam carregar e corri. Primeiro obstáculo, a cerquinha de madeira, ultrapassado com sucesso. Segundo obstáculo a janela, falhei, cai, as petecas da mão rolaram pelo chão, assim como eu. Resultado: um braço quebrado e uma surra pela desobediência.

Porém, de várias lembranças uma e mais especial, aquela que trouxe arte para minha vida. O contador de histórias, meu pai. Mesmo cansado, depois de um dia de trabalho, meu pai reunia a família na sala, eu na época com doze anos, e contava um pouco do seu passado. Impossível definir o que era mais encantador, se era a narrativa, o tom de voz ou a simples atenção dispensada. Mas, indiscutivelmente era um momento incrível. De todas as histórias duas mudaram a minha vida, mesmo que anos depois, a descoberta que meu pai havia sido um ator. No passado registrado em uma fotografia, meu pai havia sido um soldado romano. Deslumbrante, saber que você

pode ser outra pessoa, por um momento, sem nunca deixar de ser você mesmo. Meus olhos brilharam, meu pai um taxista e garçom, que já foi um soldado romano na crucificação de Jesus.

A partir disto, meu futuro estava definido, seria um ator. Empenhado na missão de interpretar meu primeiro papel, comecei a busca por peças de teatro, até que um dia a professora de Educação Artística, perguntou quem gostaria de participar de uma peça na escola. Antes mesmo dela dizer sobre o que se tratava, subitamente me levantei e disse que queria participar. Nessa época eu fazia a 6ª série do Ensino Fundamental, no colégio “Paulino de Brito”, localizado na Av. Almirante Barroso.

A peça era sobre a Independência do Brasil, e na reunião na qual a professora daria o texto de cada personagem soube que seria Dom Pedro. Ah! Foi lindo, coração acelerado, estado de êxtase. Daquele momento o ator André nasceu para dar vida a Dom Pedro. Empenhei-me bastante, decorei as falas com facilidade de um profissional de anos de tablado, e apesar das dificuldades com o posicionamento em cena que me lembrava que era apenas um principiante, fiz o melhor Dom Pedro que era possível. Dom Pedro vivia em mim.

Minha dedicação foi reconhecida pela plateia através dos muitos aplausos. Assim, o processo da descoberta, conquistar um papel, estudá-lo para interpretar, até o dia da apresentação, encarar a plateia, controlar o nervosismo, a ansiedade até o momento final o reconhecimento do público, tudo isso resume em palavras as sensações, sentimentos de quem foi escolhido pela arte de atuar. E então pude entender a emoção de papai no dia que nos contou sua história, quem vive uma emoção dessa, ainda que uma única vez, nunca esquecerá.

4.2 SONHO DE UM PALHAÇO

Na infância fui seduzido pelo tablado, na adolescência me rendi ao palhaço. A expressão “eu sou palhaço sem querer” usada na música interpretada e composta por Antônio Marcos e Sérgio Sá, expressa muito bem o início de minha carreira de artista, como descrevo a seguir.

Vejam só que
coisa boba
Eu tenho pra contar
Quem é que vai querer
Me acreditar
Eu sou palhaço sem querer

Vejam só
Que coisa incrível
O meu coração
Todo pintado e nesta solidão
Espera a hora de sonhar

Ah, o mundo sempre foi
Um circo sem igual
Onde todos representam
Bem ou mal
Onde a farsa de um palhaço
É natural

Ah, no palco da ilusão
Pintei meu coração
Entreguei, entreguei amor
E sonhos sem saber Que
o palhaço

Pinta o rosto pra viver.

Vejam só e há quem diga
Que o palhaço é
No grande circo apenas o ladrão
Do coração de uma mulher

Ah, o mundo sempre foi
Um circo sem igual
Onde todos, todos
Representam bem ou mal
Onde a farsa de um palhaço
É Natural

Ah, no palco da ilusão
Pintei meu coração
Entreguei amor e sonho
Sem Saber
Que o palhaço pinta o rosto
Pra viver

E vejam só e há quem diga
Que o palhaço é
No grande circo apenas o ladrão
Do coração de uma mulher

(Antônio Marcos/Sérgio Sá, Ano, 1980)

O tempo passou e eu tive que mudar de Escola, fui para o Colégio “Orlando Bittar”, cursar o 2º grau, hoje denominado de ensino médio. Guardava a emoção da interpretação de Dom Pedro em meu coração, como uma passagem marcante, mas que ficara para trás, pois já não me sentia tão entusiasmado com o Teatro. Era uma outra etapa da minha vida, novos colegas, novo momento e tinha que me entrosar com outras pessoas, o que para mim não era difícil.

O certo é que sempre fui brincalhão e, como diz o ditado popular “semelhantes se atraem”, eu já fazia parte de um grupo de amigos do bairro de Canudos e do Marco, um grupo bem-humorado e que brincava com tudo e com todos. Formamos um quinteto, eu, Mauro, Ivan, Junior e Carlos. Em uma das costumeiras reuniões cheias de brincadeiras, estávamos, sem perceber, sendo observados pelo cunhado de um dos meus amigos e que nos propôs um desafio: levar nossa alegria para um projeto organizado pelo Grupo de Comunicação “O Liberal”, que seria realizado na Praça Batista Campos, projeto intitulado “Pinta o 7”. Ao ouvir a proposta, ficamos olhando um para cara do outro sem saber o que dizer, afinal brincávamos entre nós, apenas para nos divertirmos e rir um da cara do outro. Com a argumentação do cunhado,

decidimos aceitar, contudo, ao mesmo tempo veio a pergunta: o que vamos fazer? Alguém deu a ideia de irmos vestidos de palhaços e o cunhado disse que providenciaria as roupas, pediu apenas que pensássemos o que fazer lá. No entanto, era aí que residia o nosso problema, pois as nossas brincadeiras não tinham pretensões espetaculares. De repente senti aquela mesma tremedeira de quando interpretei Dom Pedro – se, com texto e com a orientação da professora, já tremi “mais que vara verde”, imagina agora sem texto sem ensaio, sem nada? Teríamos que improvisar, mas que diabos era improvisação? Não tínhamos sequer um roteiro, e os nomes dos palhaços? Nossas cabeças estavam cheias de interrogações. Nos acalmamos e começamos a nos organizar dentro das nossas pobres compreensões de necessidade para o momento.

Foi sugerido que cada um pensasse em um nome para seu palhaço, assim surgiram tio Ivan - palhaço do Ivan, tio Patchouli - palhaço do Mauro, tio Biro Biro - palhaço do Junior, tio Pica Pau - palhaço do Carlos, **tio Padreco** - o meu palhaço Até hoje não sei de onde surgiu esse nome. Quando as roupas ficaram prontas, vestimos nossos palhaços e fomos embora para a praça Batista Campos. Ainda sem saber bem o que fazer, repetimos o que éramos acostumados a fazer, ou seja, brincar e zombar uns dos outros, e as pessoas se divertiram.

E assim como de uma história contada fui parar no teatro, de um convite desprezioso ganhei o presente da vida, nasce o Tio Padreco, o meu palhaço. Por causa dele, experimentei várias atuações e exercícios de cena com o meu *Palhaço* e descobri que o lugar de atuação seria a do circo-teatro, que seria o lugar mais propício para o desenvolvimento de minha criação e que hoje vira minha pesquisa para a formação de um professor - palhaço.

Trabalhei em várias companhias de teatro, criei e realizei vários personagens, viajei em temporadas pelo interior do estado e até fora dele, participei de festivais nacionais, experimentando vários tipos de espaços teatrais e não teatrais, praças, galpões etc. E por não estar debaixo de uma lona, atrai mais facilmente uma outra camada de público, desde as crianças, idosos, moradores de rua ou o transeunte, fiz do lugar que estava o meu picadeiro, seja teatro, salão de festa, praça ou rua.

Só que em um dia voltei ao picadeiro de fato, aprofundei na arte, técnicas, me esbaldei de conhecimento, mas faltava algo. O riso pelo riso já não fazia sentido. O

Tio Padreco tinha se transformando em um palhaço rico em teoria, mas cada dia mais pobre em sentimento. O amor, o êxtase, o nervosismo foram sumindo e assim percebi que o circo tradicional não mais atendia minhas necessidades de atuação. Era hora do Tio Padreco voltar às origens. O antigo grupo de amigos palhaços que denominamos de Grupo Gererê. A seguir, Figura 1, a primeira foto oficial do Grupo Gererê, nos fundos do foto Souza no bairro de São Braz.

Figura 1 Grupo Gererê



Fonte: Arquivo pessoal (1987)

Entre diversos convites, uma foi para nos apresentarmos no asilo são Vicente de Paula, localizado rua Mauriti, bairro do Marco, em Belém. Nesta época, passava na televisão uma novela chamada “TÍ TÍ TÍ”, a qual trazia em sua trama a disputa bem-humorada de dois cabeleireiros famosos e que todos nós do grupo assistíamos e sempre imitávamos. Assim, já tínhamos um enredo, o resto era o improviso na hora a partir da interação da plateia. Os idosos foram receptivos, e tudo fluiu muito bem, divertimos e também nos divertimos. Foi um sucesso, ganhamos aplausos, sorrisos, as roupas de palhaço e uma grande vontade de continuar.

O sucesso alcançou o grupo, recebemos diversos convites, muitos remunerados, porém os objetivos individuais começaram a se distanciar do interesse do grupo e assim o Gererê terminou e cada palhaço passou a seguir carreira solo.

Figura 2 – Fotos na Festa de Animação



Fonte: Arquivo pessoal (Década de 80)

Sozinho, voltei a buscar mais conhecimento, pois necessitava entender as diversas possibilidades que o riso nos oferece, haja vista que é necessário compreender como foi, outrora, utilizado. Assim, início o estudo do riso voltado para sua atuação nos diferentes momentos históricos. Sem pretensões extensas sobre o riso. Sem esquivar-me de sua complexidade. Ao falar, de forma sintética, do riso na Antiguidade, na Idade Média, no Renascimento e na atualidade, tento resgatar, sobretudo, o que a sociedade achava do riso, as posições teóricas a seu respeito e como, em suas várias formas, o riso funcionava. Ao visitar autores que se dedicam ao estudo do riso, encontrei recorrentemente referência a George Minois e Mikhail Bakhtin, elegendo os mesmos como bibliografia privilegiada.

E assim fui me reencontrando ao “Tio Padreco”, mas ainda com a sensação de falta. Porém está durou pouco tempo, até a primeira festa infantil que animei. O êxtase, nervosismo, o medo, o brilho, aquele turbilhão de emoção estava de volta. O Tio Padreco ainda vivia em mim. A beleza da sensação de colocar a fantasia, o nariz vermelho e seu poder autorizativo a ser ridículo, divertidamente ridículo. E a plateia, composta, na maioria, por crianças, o ser mais livre que habita a terra assim como qualquer palhaço possuído de seu nariz.

O trabalho como palhaço animador me rendeu mais experiência na arte da palhaçaria e uma fonte de renda.

Figura 3 - Animação da Festa da Ana Clara



Fonte: Arquivo pessoal (2009)

No entanto, ser palhaço não é bem visto. Para muitos é uma diversão, passatempo mais é longe de ser uma profissão. E para minha família não era diferente, por isso havia uma cobrança que eu tivesse uma profissão, um curso superior, algo que me possibilitasse estabilidade intelectual e financeira. Tais cobranças me geraram uma inquietação que começou a tomar conta de mim. Seria o meu trabalho como palhaço uma profissão ou somente um hobby?

Com tantas cobranças, resolvi procurar um “trabalho sério” e consegui ingressar para compor quadro de funcionários da COHAB-PA. Fui aprovado e comecei minha rotina de funcionário público. Paralelamente ao tão cobrado “trabalho sério”, fazia minhas apresentações e animações com o *Tio Padreco*. Percebi que o palhaço passava ser o meu apoio emocional para continuar naquele trabalho que me trazia estabilidade financeira, mas não satisfação. Assim segui por quatro anos, sendo funcionário público pela sobrevivência.

Um dia, ao fim do expediente, encontro Carlos, o palhaço *tio Pica Pau*. Entre conversas e risos, Carlos me apresentou um amigo que o acompanhava, o Sérgio

Cunha, um ator e diretor de teatro que, ao saber que fiz parte do grupo “Gererê”, me fez um convite inusitado: participar da performance intitulada “vai trabalhar palhaço”. Ri muito ao ouvir o título da performance, parecia que o destino estava zombando de mim. “Vai trabalhar palhaço” era um roteiro elaborado para fazer a abertura do show em Belém do Pará no Cine Palácio dos famosos Trapalhões, quarteto renomado internacionalmente, composto pelos inesquecíveis Didi, Dedé, Mussum e Zacarias. Esse evento me deu um ânimo, me senti renovado e com gás para seguir minha rotina de funcionário público, conforme era o padrão.

Figura 4 - Tio Padreco em Paragominas



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Logo depois, Sérgio Cunha novamente me convidou para compor o elenco do espetáculo teatral infantil “O Mágico de Oz”, fazendo o personagem do leão medroso, em uma temporada no Teatro Margarida Schiwazzappa. Este convite me proporcionou pisar pela primeira vez no palco de um teatro e sentir novamente as sensações da minha apresentação do primeiro grau. Foi um êxtase, plateia lotada, mágico, senti uma felicidade indescritível. Ainda vivendo as emoções da temporada, Serginho, como era carinhosamente conhecido, apresentou-me outro texto,

“Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Roqueiro”, que ensaiávamos no Teatro Waldemar Henrique simultaneamente com a apresentação do “Magico de Oz” no Teatro Margarida Schiwazzappa, que, infelizmente, não conseguimos levar para a cena. Ainda sob a direção do Serginho Cunha, tive a oportunidade de me apresentar no palco do Teatro da Paz, com o espetáculo “Chuvas de Sorriso” e “O Pequeno Príncipe”.

Em meio a toda essa movimentação, conheci e fiz amizade com Paulo Fonseca, que fazia parte do renomado grupo de teatro Experiência, hoje meu grande amigo, que coincidentemente tinha um palhaço, o *Tio Bolão*, que rendeu uma bela parceria com o *Tio Padreco*. Realizamos, assim, muitas animações de festas infantis, que me trouxeram novas amizades com artistas palhaços e que também eram atores. Entre eles, destaco o Rui Cabocão, que nesse tempo foi convidado a encenar o espetáculo “O Equino Filósofo”. Com patrocínio da Caixa Econômica Federal, o elenco era composto por 50% de funcionários da instituição e 50% de atores convidados. Rui, então, me chamou para compor o grupo de atores convidados. Este espetáculo seria apresentado em um Festival de Teatro na Bahia, e foi o meu primeiro espetáculo fora da linha infantil.

Era um espetáculo que exigia mais profissionalismo, visto que iríamos representar o estado do Pará, fato que tinha um peso maior, e eu pude perceber as minhas dificuldades em cena. Mas, com as indicações do diretor Rui Cabocão, conseguia superar as adversidades. Para essa apresentação, eu precisaria passar quinze dias fora de Belém, entre viagem e o dia da apresentação no festival. Para tanto, me ausentei do meu trabalho “sério” na COHAB - PA, por minha conta e risco e fui embora para o festival de Teatro na Bahia. Foi uma experiência Ma-ra-vi-lho-sa! Ao voltarmos, eu já estava prestes a ser exonerado do cargo e perder o emprego, porém consegui contornar a situação com muito esforço e medidas administrativas, porém apesar do risco, estava me sentindo realizado por ter participado de uma experiência única no meu fazer artístico.

Continuei na COHAB e, paralelamente, fazendo as animações de festas infantis. Nesta época, eu já estava morando na vila Bom Jesus, na Travessa Vileta, bairro do Marco. Em uma das minhas saídas para animações de aniversário, vestido de palhaço, fui abordado por um cidadão que disse ser meu vizinho, momento em que

lembrei de já ter cruzado por ele na estreita vila Bom Jesus, mas não sabia quem era. O vizinho disse que me observava várias vezes as minhas saídas.

Vestido de palhaço, iniciamos uma conversa, nos apresentamos e soube então que estava diante de José Ribamar de Castro Leal conhecido como José Leal ou simplesmente Zecão. Já ouvira falar de seus feitos como ator, diretor e roteirista no cenário teatral paraense, mas não sabia que estava tão próximo, pois Zecão morava na casa em frente a nossa casa. Comentei com ele que além de animação infantil, fazia também teatro e citei os nomes dos diretores os quais já havia trabalhado e falei de minhas angústias e de minha busca por profissionalismo no teatro. Ele me falou que estava ministrando uma oficina no Teatro da Paz, a primeira a ser realizada naquele espaço e ainda me convidou a participar. Obviamente, aceitei na hora.

Ao iniciar a oficina, senti uma nova oportunidade de aprendizado, pois Zecão falou da importância do comprometimento do ator no seu fazer teatral, enumerou várias coisas que compunham o bom ator, entre elas a rigidez no cumprimento dos horários e o empenho no desenvolvimento da oficina. Pude, também, perceber a técnica que ele usava que envolvia a todos. Além disso, Zecão anunciou que essa oficina teria um resultado em forma de espetáculo a ser apresentado no teatro. E, assim, apresentamos “Pax Razão de Vida”, uma história que mostrava José e Maria sendo expulsos de suas terras – eu fiz o personagem José. Foi maravilhoso, tanto a oficina como o espetáculo. Além do sucesso, senti que precisava, urgentemente, buscar conhecimentos, pois embora a minha atuação tenha sido muito boa na oficina, ouvi o Zecão citar nomes totalmente desconhecidos para mim, como por exemplo, Augusto Boal, Grotowski entre outros. A partir daí, não me conseguia ver mais como funcionário público. Portanto, pedi minha demissão, o que, para muitos, foi uma loucura. Mas, para mim, era o que eu precisava fazer, para me dedicar à arte, agora mais envolvido pela arte do teatro.

José Leal (Zecão), era o diretor de um grupo de teatro “O pessoal do Tico Tico no fubá” e me convidou para fazer parte do grupo. Fiquei muito honrado com o convite e aceitei. Me entreguei de corpo e alma. O grupo estava na montagem do espetáculo “A Galinha dos Ovos de Ouro”, um espetáculo infantil. Me identifiquei com a linha que o grupo atuava, o escracho. Foi quando o Zecão me disse que eu não faria parte do espetáculo como ator e sim no contra regagem. Confesso que me senti decepcionado e o Zecão percebeu, momento em que me chamou em particular e

conversou sobre ser um bom profissional, característica que requer conhecimento dos bastidores também e de todas as atividades que fazem o teatro e que enriquecem o ator. Uma grande lição que me acompanha até hoje.

4.3 DA ARTE À PROFISSÃO DE RESPEITO

Desprendido das obrigações sociais, fui em busca de viver um sonho. Viver de e para arte. Dedicar-me a arte de atuar.

4.4 ESTUDANDO ARTE

O meu envolvimento com o teatro me despertou a necessidade de procurar mais conhecimentos na área. O próprio Zecão me indicou a Escola de Teatro e Dança da UFPA, naquela época localizada na Av. Magalhães Barata entre Nove de Janeiro e Três de Maio. Fiz o teste e fui aprovado e iniciei o curso técnico em ator, já no novo e atual endereço da escola. Muitos foram os aprendizados. Continuei dividindo meu tempo entre trabalhos de ator e animador/palhaço e aluno da Escola de Teatro e Dança UFPA. Logo depois que iniciei o curso consegui um contrato para trabalhar na SESMA, onde fui admitido na função de motorista de ambulância no Pronto Socorro Municipal Mario Pinote, conhecido popularmente como Pronto Socorro da Catorze de Março. Esse período foi muito desafiador, o sistema era de plantão, trabalhava 24h00 e folgava 36h00. Era muito difícil conciliar o horário de trabalho com o horário do curso técnico, mas, mesmo assim, fui levando, pois tinha a colaboração dos meus colegas de trabalho. Mas, novamente, me vi dividido entre a minha escolha pela arte e pelas cobranças em ter um “trabalho sério”.

No curso, havia uma disciplina chamada clown (palhaço), ministrada pelo professor Marton Maués, e eu que já era palhaço, pela primeira vez me deparei com um estudo aprofundado sobre essa bela arte. Fui apresentado a origens e técnicas do palhaço. Descobri que além de um vasto histórico, o palhaço era muito mais que uma figura engraçada, ele compôs e teve um relevante papel histórico.

Porém, as técnicas por mim deslumbrante não eram bem aceitas pelo Tio Padreco. Meu palhaço era um analfabeto que não se encaixava nos padrões clownescos. Assim, voltei a fase dos questionamentos: - se não conseguir me encaixar

nessas técnicas de clown deixo de ser palhaço? - Para ser palhaço preciso me encaixar nas regras? Por fim, a resposta as perguntas foram negativas, pois percebi que ser palhaço é um estado de espírito, eu era, eu sou um palhaço e o conhecimento não me limitava apenas refinava a arte.

Neste processo de conhecimento, o Professor Marton Maues, professor da Escola de teatro da UFPA, foi relevante pois com leveza e muita informação abordava tudo sobre o Clown, fazendo com que eu entendesse toda essa magia, e a partir desse conhecimento adquirido em sala de aula que comecei a enxergar com outros olhos todo esse universo que ainda precisava percorrer. Então entendi que não podia parar tinha que buscar cada vez mais conhecimento e decidi tentar licenciatura em teatro na UFPA.

4.5 A LICENCIATURA EM TEATRO

A vida seguia não muito diferente para mim, continuava me dividindo entre a arte e a realidade, segui fazendo alguns espetáculos, animando aniversários, fazendo alguns comerciais, ofertando oficinas/aulas de teatro e com algum trabalho sério e a eterna cobrança de uma graduação. Foi então que decidi fazer o ENEM e o teste de habilidades para ingressar no curso de Licenciatura em Teatro da UFPA. Conversando com uma amiga e parceira de palco sobre a prova de habilidades que necessitava de um monólogo, ela, Maira Monteiro, me disse que prepararia um monólogo especialmente para mim. No dia marcado por ela, fui buscar o monólogo para ensaiar e apresentar na prova de habilidades e, para minha surpresa, o texto falava de palhaço. A seguir, o monólogo:

PALHAÇO DE SUAS PRÓPRIAS ILUSÕES

O ator entra em cena cabisbaixo, vestido de palhaço, mas sem maquiagem, ele traz consigo uma cadeira, um espelho e uma caixa de maquiagem (Adereços cênicos cadeira espelho maquiagem)

Obs.: já pode estar com rosto branco, apenas faz os detalhes com lápis ou tinta.

Palhaço: (Triste, ele respira fundo, põe a cadeira no centro da cena e se senta pensativo)

(Tom de reflexão) Ser palhaço é um... (pensando) estado de espírito! É... eu concordo com os grandes mestres da Palhaçaria, que dizem que para sermos um bom palhaço, é preciso saber quem somos. Aceitar os seus ridículos, ir disso e oferecer generosamente alegria ao outro, mesmo que estejas destruindo por dentro. É necessário perder a dignidade para poder alcançar outro grau de dignidade. Onde a generosidade, a ingenuidade e a fragilidade

se fazem presente. (Ele apanha a caixa de maquiagem e começa a se pintar) Mas para alcançar essas qualidades é preciso estar livre das máscaras sociais que adquirimos com o passar do tempo. Precisamos nos transformar em crianças livre das máscaras sociais que adquirimos com o passar do tempo precisando nos transformar em crianças, geralmente elas são livres, soltas, criativas, justamente por não terem sido contaminadas pela hipocrisia das conveniências sociais. (Pensativo ele se levanta) A criança com sua franqueza espontânea inquieta o mundo, porque ela bela e livre na sua inocência.

Talvez essa seja o remédio para uma vida feliz, mas nos envenenamos dia após dia, com hipocrisia, a ganância, a inveja. Intoxicamos nossas almas com a mesquinhez. Criamos a monstruosa máquina da tecnologia, mas nos sentimos escravos dela.

A ciência nos tornou descrentes, o poder nos fez cruéis pensamos muito e amamos pouco. Mais do que dinheiro, precisamos de doçura mais do que máquinas, precisamos de humanidade. É por isso que o mundo se tornou tão violento, e os valores morais se perderam.

(Ele começa a chorar volta a se sentar pega o espelho e fala com ele mesmo) Que é isso palhaço? Chorar não vai adiantar nada, você não vai mudar o egoísmo, a ignorância e a maldade que existe na alma humana. Há centenas de anos, um homem tentou e foi crucificado. Vontades efêmeras *não* valem a pena, quem erra uma vez talvez não cometa o mesmo erro de novo, mas quem erra cinco vezes errará outras dez, quinze... (Pausa), a estupidez faz parte do ser humano e não será você (falando com ele mesmo) que irá conseguir mudar. Afinal (pausa reflexiva) não seja palhaço de suas próprias Ilusões. (Ele deixa o espelho já maquiado se Levanta e Vai ajustando o casaco finalizando a caracterização do palhaço e vai falando)

Aprendi que por mais que eu me importe em ser melhor outros tão egoístas...

Aprendi que mesmo com uma pessoa seja boa, em algum momento ela vai lhe ferir e devemos perdoar por isso...

Aprendi que dar um sorriso, mesmo recebendo de volta uma careta, nos torna caridosos...

Aprendi que as amizades verdadeiras, sobrevivem mesmo à distância...

Aprendi que o gesto mal interpretado, pode destruir algo que você levou anos para construir...

Aprendi que você não pode querer ser perdoado, se ainda não aprendeu a perdoar...

Aprendi que o que importa, não é o que você tem, mas o que você é... Eu sou apenas um palhaço, não posso mudar o mundo, mas pelo menos (muda semblante para total alegria) posso fazer alguém sorrir!!!

Canta a música "Piruetas" e começa a fazer palhaçadas (Maíra Monteiro, 2016).

Deste modo, em encontros e desencontros, eu e meu palhaço sempre estivemos ligados, se Tio Padreco foi uma libertação, um escudo contra a censura, o medo, o ridículo, ele também foi uma ponte para, de certa forma, atender os anseios de quem é próximo a mim. Da profissão que sustenta a família ao curso superior que gera conhecimento e status. Tudo foi realizado pelo instintivamente pelas mãos do Tio Padreco, por que de uma forma ou de outro todos os processos foram realizados em busca do meu palhaço.

5 CONCLUSÃO

A concepção do palhaço perpassa por diversas etapas. Da mais simples que é a busca do sorriso a mais complexas que é buscar compreender o porquê do riso. Desta forma, expõem que por trás da fantasia, do personagem caricato há todo um respaldo histórico que fortifica e embeleza a ação de ser palhaço.

Assim, a história do riso é antiga, com tempos em que era proibido e mal visto até o tempo em que era aceito e desejável. Se um dia foi uma ferramenta de protesto e libertação, também já foi motivo de reafirmação de poder e execração. Paralelo a isto, caminha o palhaço, seja na figura do bobo da corte ou como figura que cobre espaço entre uma atração e outra.

E foi ligado a este mundo de fantasia que surge o Tio Padreco, o palhaço que nasce sem muitas pretensões profissionais, mas que direciona e inspira o ator André Reis a buscar conhecimento e capacitação que influência não apenas o desenvolvimento do Tio Padreco, como também responde as pressões sociais e suas concepções sobre ser um profissional.

Ressalta-se que a formação do ator é recheada de experiências que iniciam na infância, seja nas brincadeiras ou na experiência reais com toques do imaginário, como vê, contar e sentir a história. O canal na rua, deixa de ser apenas um local que escorre a água e passa a ser um artifício que gera enredo. As brincadeiras, por mais simples, são vivenciadas como grandes aventuras.

E é nessa infância composta de muitas histórias que surge a principal delas que o relato do pai aos filhos sobre a sua experiência de ser ator. Um diálogo que abre portos a um mundo possível, nasce aí o ator André Reis, que pode em determinados períodos ficar adormecido, mas que sempre ressurgue alimentado pela necessidade de vivenciar a arte. E esse relacionamento entre ator personagem é estreitado pelo palhaço.

Por fim, o palhaço nesta pesquisa é a figura central, pois o André é convidado a ser artista, mas ele se faz artista quando encontra o seu Palhaço, o meu palhaço, Tio Padreco. O enredo da vida, é dívida no antes e no depois do Tio Padreco, pois a paixão a arte da dramaturgia encaminha ao Tio Padreco, mas é o Tio Padreco que leva o desejo e a busca por aperfeiçoamento para ser uma ator.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fonte, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hicitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

CASTRO, Lilian. A arte do palhaço na história do teatro brasileiro: ausências e interseções. *Revista ARS Histórica*, nº14, jan/jun 2017, p. 102-121.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. São Paulo: Manole, 2005.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editoria Unesp, 2003.

MACHADO, Fernando da Silva. **Diurno e noturno, no pensamento de Gaston Bachelard**. Tese de mestrado de filosofia pela Universidade Federal de Goiás.

MARCEL, (1974) Noção de técnica Corporal. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU- Colocar na BIBLIOGRAFIA.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editoria Unesp, 2003.

MONTEIRO, Maíra. **Palhaço das suas próprias ilusões**. Belém, PA: [s.n.], 2016.

SENA, Jonathan Brites; OLIVEIRA, Natássia Duarte Garcia Leite de. (Trans)formações do palhaço: breve história dos tipos clássicos da palhaçaria. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 41, set. 2021.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**, UFSC, 4 ed.Ver.Atual. Florianópolis, 2005.

SONHOS DE UMA PALHAÇO. Compositor e intérprete: Antônio Marcos e Sérgio Sá, 1980.

TEMPO BOM. Compositor: João Paulo e Moíses. Intérprete: Chico da Silva, [1981].

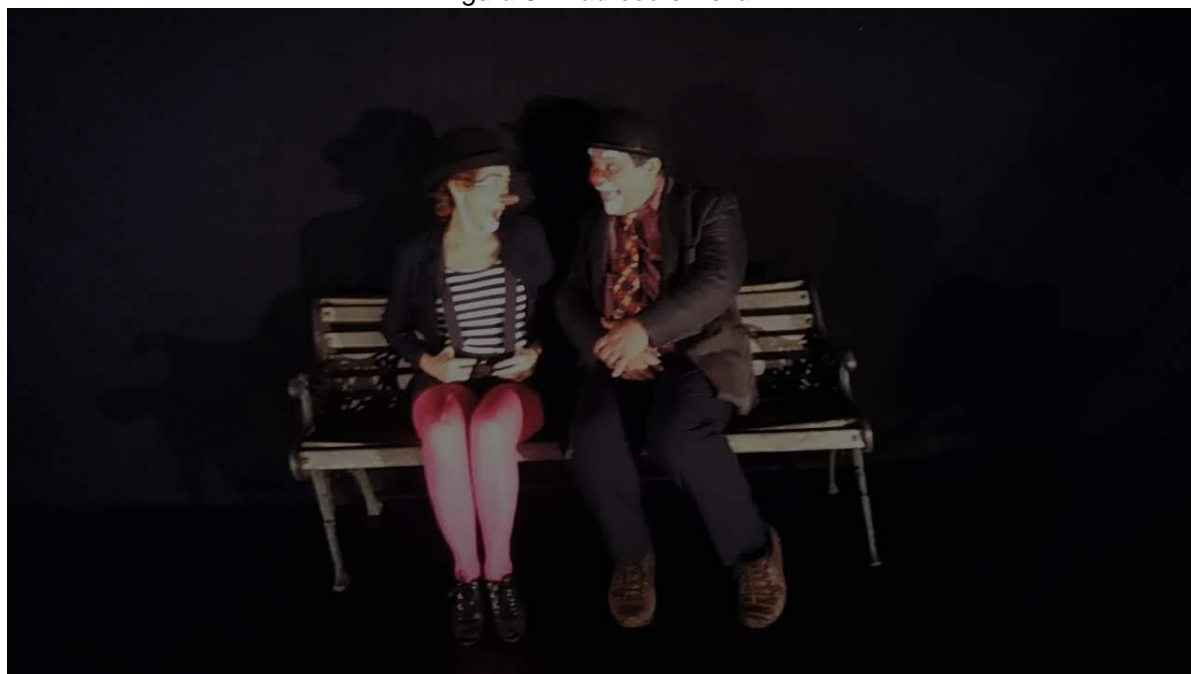
APÊNDICE I

Figura 5 - Encontro com o meu Clown



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Figura 6 - Padreco e Keka



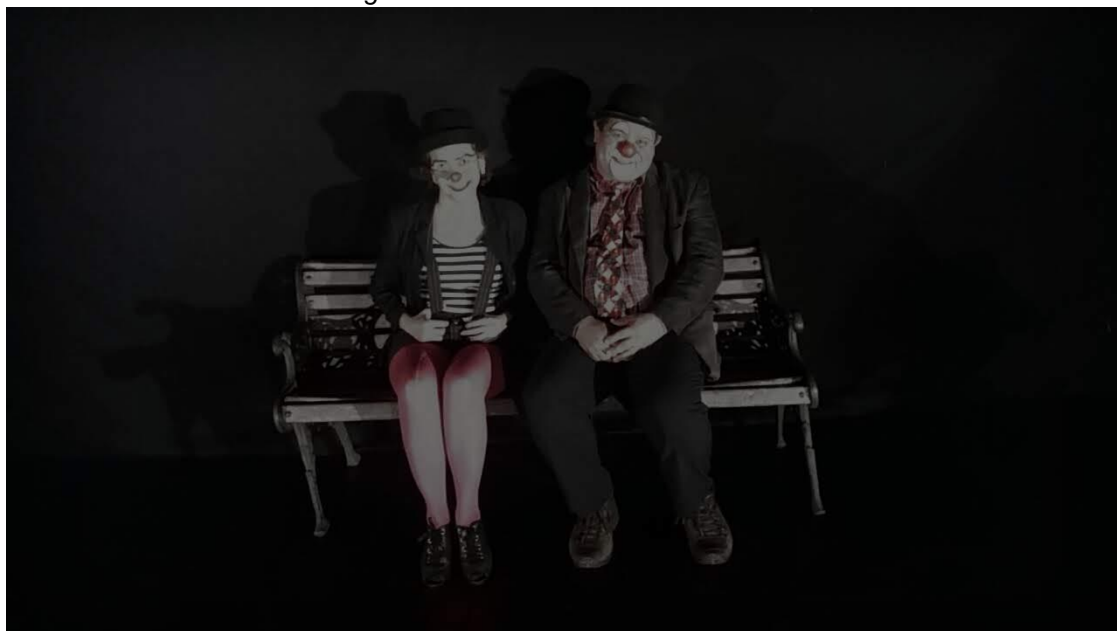
Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Figura 7 - Aplicando o conhecimento



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Figura 8 - Enfim o verdadeiro Clown



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Figura 9 - Ensaio fotográfico do espetáculo "Pensão da Cotinha" (Grupo Experiência)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Figura 10 - Camarim do Espetáculo "Feliz aniversário pai!" com José Leal (Zecão)



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Figura 11 A espera do público



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

APÊNDICE II

UM CAPÍTULO ESPECIAL

Aqui separo esse espaço para um pequeno relato dos 12 dias que passei em luta pela vida, onde o pensamento se passava a minha trajetória na terra. O choro constante dentro de uma solidão e dor com as furadas de agulhas doloridas, falta do combustível precioso o “AR”, E a saudade daqueles que ficaram do lado de fora daquele hospital uma vontade de abraçar, tocar, conversar com o olho no olho e um desespero de perder a vida com tanta coisa ainda por realizar, essas guerreiras atrás de mim nessa foto e outras e claro eram as únicas pessoas na qual tinha contato e a minha enteada que levava as coisas que faltava no hospital. Mas nesse relato tenho tantos agradecimentos a fazer mais em especial ao meu amigo médico Felipe Pacheco, que foi incansável comigo e o que não dizer o protagonista por eu estar vivo, sim porque eu e minha esposa que também estava com o covid havíamos feito uma tomografia numa quarta-feira pra saber o grau de lesão do pulmão e tinha sido detectado 25% tomado pelo covid tanto eu quanto ela, mas pelo meu quadro de comorbidades por ser diabético e hipertenso o meu quadro se estava se agravando, quando foi no sábado dessa mesma semana o meu amigo me pediu outra tomografia e relutei com ele dizendo, ah...mano como assim realizei uma tomografia na quarta feira, não acho necessário e ele me respondeu, cara tô trabalhando na linha de frente dessa doença e vejo dá merda em tempo muito curto e eu que que você realize outra, e pra não contraria ló, consegui fazer uma no domingo dessa mesma semana e foi quando foi detectado que a doença já havia tomado 60% do meu pulmão. Foi aí que ele disse pegue suas coisas e procure internação urgente.

Peguei algumas roupas e com o coração apertado me despedi da minha esposa meu neto como quem se despedisse com a sensação de ser o último adeus, liguei pra minha mãe meus irmãos e alguns amigos, enquanto isso Felipe contactava com alguns amigos médicos da Unimed pra onde me desloquei pra buscar internação, chegando lá por conta da super lotação fui internado em uma ala infantil onde foi adaptado pra receber mais pacientes e lá era tudo misturado homens e mulheres, chegando lá os leitos já estavam quase todos ocupados havia um o qual eu ocupei.

1º Dia Reconhecendo e entendendo o que era tudo aquilo e quem era aquelas pessoas que ali estavam, duas mulheres bem ruim com sempre com auxílio do respirador e a outra com auxílio do oxigênio e eu mais dois homens, eu dentre aquelas pessoas estava bem melhor, e pensei o que fazer pra me tornar útil naquele lugar de solidão, como ninguém tinha acompanhante até porque não podia ficar ninguém e ficávamos sempre na dependência das técnicas de enfermagem que estavam enlouquecidas com tanta gente chamando por elas, comecei ir pegar água quando me pediam segurar os alimentos enquanto se alimentavam, e foi assim que consegui passar o primeiro dia.

2º Dia Tentei fazer a mesma coisa do primeiro dia, mas já não me sentia tão forte a falta de ar me restringia mesmo assim continuei fazendo, até que fui advertido que precisava descaçar também e duas vezes por dia ficava preso a soro que eu apelidei de doido toda vez que chegavam para me aplicar as lágrimas vinham ao rosto, era injeção na barriga na veia e comprimidos e assim foi o meu segundo dia.

3º Dia Acordei muito debilitado sem vontade até de sair da cama e fiquei só esperando os medicamentos, recebi a visita de um médico que me avisou que eu não ficaria mais ali que iria para o segundo andar para aguardar transferência para um hospital com mais recursos.

4º Dia Sentia que estava debilitando cada vez mais, foi quando a minha transferência para o hospital Camilo Salgado na Mario Covas, e quando me avisaram pra onde eu iria me recusei dizendo que não iria e disse se tiver que morrer quero morrer aqui e brinquei dizendo “ Já pensou se eu morrer vão perguntar onde ele morreu se disserem que foi no Camilo Salgado não chick mas se disser que foi na Unimed ai sim é com estilo, mas claro que foi só pra descontrair, tive que assinar um termo de responsabilidade e tudo.

5º Dia fiquei sabendo que havia saído um leito para mim no hospital “Amazônia” que um amigo meu havia conseguido, nesse momento eu só conseguia respirar com a ajuda do oxigênio e fui transferido.

6º Dia Já acordei no leito do hospital Amazônia, nesse leito era só eu Deus os médicos e enfermeiros, olhava aquele quarto e me sentia um prisioneiro tentava me adaptar com a solidão, quando o médico entrou não dando boas notícias a respeito do meu quadro clinico e as coisas se agravando cada vez mais, entrei no quadro de

quase depressão, por muitas vezes pensei em não lutar mais pois estava sem forças e se ânimo para seguir adiante.

7º Dia Comecei a fazer uma bateria de exames, mas sempre com o uso de oxigênio, estava me fazendo de forte para não ser intubado muitas das vezes mentia dizendo que estava conseguindo respirar as vezes sem o oxigênio.

8º Dia Logo cedo o médico entrou no quarto me viu ofegante e me disse “Não queira ser o super homem”, o oxigênio está na sua cabeceira utilize, nessa hora as lágrimas vieram e não consegui esconder a sensação de estar perdendo a luta pra covid, liguei pra minha mulher como fazia todos os dias e naquele dia ela também sentiu que as coisas estavam ruins, eu estava todo inchado e não conseguiam mais aplicar os soros as veias estouraram quase todas e mal conseguia ir ao banheiro de tão cansado, pensei no processo de ensaio que havia deixado as viagens que havia programado de moto e o meu TCC que precisava terminar enfim muitas pendências, e eu disse na minha oração não posso morrer agora meu Deus me ajuda.

9º Dia Acordei com a sensação de que as pessoas que torciam por mim não mereciam que eu desistisse e como se estivesse sendo recarregado, incrível, mas foi assim que acordei com uma vontade enorme de viver a mão divina estava me segurando eu tinha certeza disso e comecei a ter uma melhora pequena mas sentia que estava mais forte, a dificuldade de andar e de alguns movimentos eu todos os dias fazia uma seção de fisioterapia e nesse dia fui até elogiado, agradei tanto que até me emocionei.

10º Dia fui fazer um exame de sangue para ver os leucócitos se ainda estavam muito alto, quando chegou o resultado o médico disse que havia baixado um pouco e que era um excelente sinal se continuasse assim logo teria alta, aí me empenhei mais ainda nos exercícios e não reclamava tanto quando me furavam de todos os jeitos pois sabia que a vitória estava próxima e que eu finalmente tinha alcançado uma graça naquele momento eu era só agradecimentos.

11º Quando ligava para as pessoas sentia a energia e sabia que faltava pouco, sai pra fazer o exercício da fisioterapia fora do quarto e no caminho encontrei o médico que me disse que assim que chegasse o outro exame de sangue se tivesse baixado ele me daria alta, ah...nesse dia andei com um sorriso no rosto caminhei até mais rápido e com a certeza que ia sair logo em breve, voltei pro quarto adormeci e tive um pesadelo horrível sentia que alguém me engasgava e eu não conseguia pedir socorro,

lutei e tive vontade de pular pela janela pra me livrar daquela cena de horrores, nesse dia fiquei com medo de dormir e me deparar com aquela sena novamente.

12º Depois de uma noite em claro mas não perdi a motivação sentia que faltava pouco a única coisa que ecoava na minha mente era o médico dizendo que eu teria alta só dependia do resultado de exames, nos exercícios pela tarde ele me encontrou no corredor e disse quer ir pra casa eu disse é o que mais eu quero com a notícia faltou até força de tanta felicidade, ele disse vou preparar a sua alta e anoite você já pode ir, m dos dias mais felizes da minha vida, foi quando as técnicas e enfermeiras souberam ficaram muito felizes e disseram vamos registrar esse momento André, e fizemos essa foto acima pra registrar a felicidade compartilhado com todos que torceram por mim.

Figura 12 - Vencendo a Covid



Fonte: Arquivo pessoal (2021)